



## Registros da repressão policial ao pandeiro em periódicos do Rio de Janeiro durante as três primeiras décadas do século XX

Eduardo Marcel Vidili<sup>1</sup>

UNIRIO/PPGM

Doutorado em Música – Documentação e História da Música

SIMPOM: *Música Popular*

eduardovidili@hotmail.com

**Resumo:** O pandeiro ocupa no imaginário brasileiro um lugar simbólico especial, sendo considerado pelo senso comum um dos instrumentos musicais mais representativos da cultura popular nacional. Esta construção simbólica não ocorreu isenta de tensões e conflitos. Relatos de músicos profissionais ligados ao samba e ao choro, atuantes no Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX, dão conta de que, nesta época, o instrumento era alvo de perseguição policial, podendo ser apreendido e sua posse render prisão ao portador. A presente pesquisa pretende mapear notícias que relatam ações policiais repressoras em relação ao pandeiro, veiculadas nos principais periódicos do Rio de Janeiro durante a referida época, analisando os discursos destes veículos da imprensa, que ora condenavam, ora apoiavam (por vezes, tacitamente) a ação policial. A pesquisa foi efetuada por meio de consultas a periódicos digitalizados disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira.

**Palavras-chave:** Pandeiro Brasileiro; Repressão Policial; Pesquisa em Periódicos

### Records of Police Repression to the Pandeiro in Rio de Janeiro Newspapers During the First Three Decades of the 20th Century

**Abstract:** The pandeiro (Brazilian tambourine) occupies in Brazilian imaginary a special symbolic place, being considered by common sense one of the most representative musical instruments of national popular culture. This symbolic construction has not occurred free of tensions and conflicts. Professional musicians linked to samba and choro, who lived and performed in Rio de Janeiro in the first decades of the 20th century, have reported that, by that time, the instrument was the target of police persecution, and its possession could cause its apprehension, as well as imprisonment of its bearer. The presente research intends to collect reports of repressive police actions related to the tambourine, published in the main newspapers of Rio de Janeiro during that period, analyzing the discourses of these press vehicles, which either condemned or supported (sometimes tacitly) police action. The research was accomplished through queries to digitized periodicals available in the Hemeroteca Digital Brasileira (Brazilian Digital Periodical Library).

**Keywords:** Pandeiro; Brazilian Tambourine; Police Repression; Research in Periodicals

---

<sup>1</sup> Agência de fomento: CAPES. Orientador: Dr. Pedro de Moura Aragão.

## 1. Repressão ao pandeiro nos relatos de músicos

Este artigo apresenta resultados parciais de uma pesquisa de doutorado em andamento, para a qual um dos objetivos específicos é compreender como se deu a construção simbólica do pandeiro como instrumento musical representativo da cultura brasileira. Fruto de complexos processos socioculturais, ela não ocorreu isenta de tensões, especialmente em relação aos lugares sociais e profissionais ocupados por pandeiristas ao longo das primeiras décadas do século XX. Se, ao final dos anos 1930, o instrumento se encontrava ‘legitimado’, em diversas instâncias, como símbolo da cultura musical brasileira, nas décadas anteriores ele havia sido alvo de perseguição institucionalizada: portar um pandeiro podia acarretar na apreensão ou inutilização do instrumento e prisão de seu portador, conforme relatos de músicos profissionais da época, ligados ao samba e ao choro e atuantes no Rio de Janeiro (cf. PEREIRA, 2003; VIANNA, 2012; SANDRONI, 2012).

Dentre os problemas envolvendo pandeiristas e polícia, o caso mais famoso relatado na historiografia do samba ocorreu em 1908, envolvendo João da Baiana (João Machado Guedes, 1887-1974), que posteriormente seria reconhecido como um dos mais importantes pandeiristas da era do rádio. João costumava tocar em festas na casa do Senador Pinheiro Machado; porém, teve seu pandeiro quebrado pela polícia na Festa da Penha<sup>2</sup> daquele ano e deixou de comparecer a uma dessas reuniões na casa do Senador. Este, ao saber do ocorrido, determinou que fosse confeccionado um novo instrumento, dado de presente ao músico, contendo uma placa com a inscrição: “A minha admiração, João da Baiana – Senador Pinheiro Machado”. Este pandeiro passou a funcionar como um ‘salvo-conduto’ para João, que desde então não teria sido mais importunado pela polícia (VIANNA, op. cit., p. 114). Em reportagem<sup>3</sup> bastante posterior a este fato, publicada em 1939, o músico afirma que problemas deste tipo com a polícia haviam sido recorrentes em sua vida: “por causa do samba, trancafiaram-me muitas vezes na cadeia e quebraram-me muitos pandeiros”.

Pertencente à mesma geração de João da Baiana, o compositor e violonista Donga (Ernesto Joaquim Maria dos Santos, 1890-1974), o famoso autor de *Pelo Telefone* e companheiro de Pixinguinha no conjunto Oito Batutas, afirmou: “Na Festa da Penha, os pandeiros eram arrebatados pela polícia, por medida de precaução” (cf. MOURA, 1995, p. 111), sinalizando ser esta uma prática sistemática da polícia.

<sup>2</sup> Estabelecida a partir de 1635, a Festa de Nossa Senhora da Penha ocorre anualmente nos domingos do mês de outubro, no Rio de Janeiro. Até os anos 1930, era a principal festa popular carioca, na qual se divulgavam as canções populares que eventualmente fariam sucesso no carnaval seguinte (MOURA, 1995).

<sup>3</sup> COUTINHO, Lourival. O samba nasceu na Baía? *Carioca*, Rio de Janeiro, n. 200, p. 62, 12 ago. 1939.

Russo do Pandeiro (Antônio Cardoso Martins, 1913-1985), pertencente a uma geração posterior à de Donga e João da Baiana, viria a desenvolver brilhante carreira como pandeirista, inclusive internacionalmente. Ele relatou, em depoimento<sup>4</sup> concedido em 1982: “Naquela época [1929, quando começou a tocar], quem tocava violão, cavaquinho e pandeiro era vagabundo. Eu fui preso, quantas vezes eu fui preso. Furavam o pandeiro e botavam no xadrez” (VIVACQUA, 1982). Em uma ocasião, no entanto, o músico tirou proveito de uma situação ilícita que, ao que parece, não era incomum. Reportagem<sup>5</sup> publicada em 1955 informa que Russo, “na casa de um amigo, encontrou um pandeiro de alumínio que um guarda-civil havia tomado de um malandro e o comprou por um chope”. Este pandeiro foi seu primeiro instrumento.

As falas acima expostas, emitidas por músicos conhecidos na historiografia da música popular brasileira, foram tomadas como ponto de partida para empreender uma pesquisa cujo campo foram os periódicos brasileiros. O recorte delimitador da busca será explicitado mais abaixo. Os pontos de interesse foram: verificar em que medida os depoimentos acima são corroborados pela existência de reportagens relatando repressão policial ao pandeiro; em caso positivo, apurar quais são os tipos de ocorrência; analisar de que formas os veículos de imprensa as reportaram e quais as posições por eles adotadas a respeito.

## 2. A pesquisa em periódicos

A presente pesquisa foi efetuada por meio de consulta on-line a periódicos digitalizados disponibilizados no *website* da Hemeroteca Digital Brasileira.<sup>6</sup> Ferramenta de pesquisa propiciada pela Fundação Biblioteca Nacional desde julho de 2012, seu acervo é composto por todos os periódicos impressos do século XIX existentes nesta biblioteca, assim como os jornais brasileiros do século XX já extintos ou que não circulam mais na forma impressa (ULHÔA; COSTA-LIMA NETO, 2014). A tecnologia de Reconhecimento Ótico de Caracteres (OCR) empregada pela Biblioteca Nacional no processo de digitalização permite empreender a busca por meio de palavras-chave.

Para Tania Regina de Luca (2008), a crescente utilização de periódicos como fonte de pesquisa reflete as renovações temáticas e alterações da concepção de documento que a historiografia, em um movimento de ampliação epistemológica, observou nas décadas finais do século XX. O exame de periódicos, antes considerados inadequados para a produção do

<sup>4</sup> Entrevista publicada no *website* do jornalista Renato Vivacqua, disponibilizada em forma de gravação de áudio.

<sup>5</sup> É a carinha do papai! *Revista do Rádio*, Rio de Janeiro, n. 277, p. 27, 1 jan. 1955.

<sup>6</sup> Todas as reportagens citadas neste texto foram acessadas por consulta a este *website*. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

saber histórico, nos últimos anos passou a ocupar posição central neste intuito. Sua utilização, porém, não pode ser feita pelo historiador de maneira acrítica: a autora considera que o conteúdo de um texto publicado na imprensa não pode ser dissociado do lugar (social, econômico, histórico) ocupado pelo veículo responsável por sua publicação. Ela enfatiza que o historiador dispõe da análise de discurso como maneira de fazer a distinção entre o acontecimento e a narrativa acerca deste acontecimento (LUCA, 2008, p. 139); um texto interessa menos pelo que diz que pela maneira como o diz, pelos termos que utiliza e o campo semântico que traça (ibid., p. 114).

Para a presente pesquisa, foram buscadas notícias que relacionassem a palavra-chave ‘pandeiro’ com ocorrências policiais. Como recorte temporal, restringi a busca às três primeiras décadas do século XX, período que corresponde aos relatos dos músicos mencionados na introdução deste texto. Os periódicos consultados foram aqueles que, de acordo com Letícia Fonseca (2008), eram os mais importantes em circulação no Rio de Janeiro no início do século XX: *Jornal do Comércio* (fundado em 1827), *Gazeta de Notícias* (1875), *O País* (1884), *Jornal do Brasil* (1891) e *Correio da Manhã* (1901). Estes jornais “foram os primeiros a se posicionar como empresas prestadoras de serviços à comunidade, em contraponto às folhas de cunho exclusivamente político ou às pequenas publicações provenientes de iniciativas de particulares”; nestas publicações, “as notícias policiais tinham a preferência do público de massa que se interessava pouco pelos acontecimentos políticos” (FONSECA, 2008, p. 159-160).

Dentre estes periódicos, apenas no *Jornal do Comércio*, “lido por empresários e homens de negócio” (LUCA, 2008, p. 10), não localizei matérias que estivessem conformes aos propósitos da pesquisa. Nos demais jornais, dentre a grande maioria de ocorrências relacionando a palavra ‘pandeiro’ ao carnaval (seja em notícias sobre ranchos carnavalescos ou anúncios de lojas vendendo apetrechos para a festa), foram localizadas algumas notícias relacionando o pandeiro a situações de violência.

Dentre as reportagens que dão conta de confrontos entre a polícia e cidadãos, nos quais o pandeiro é o suposto motivador da contenda ou de alguma forma está presente, selecionei aquelas que julguei mais relevantes para este texto. Percebi que a postura dos jornais que as reportam se divide, fundamentalmente, entre criticar ou censurar as ações policiais ou, por outro lado, apoiá-las ou não emitir juízo algum. Apresentarei e comentarei, nas próximas duas seções, estas reportagens, obedecendo a estas categorias: inicialmente, aquelas com teor crítico, depois, aquelas favoráveis à ação policial. Ambas as seções serão

dispostas em ordem cronológica. As transcrições textuais foram adaptadas para as normas gramaticais atualmente vigentes.

### 3. Reportagens contendo críticas às ações policiais

A matéria<sup>7</sup> mais antiga localizada por esta pesquisa encontra-se no *Jornal do Brasil*, edição de 1907. Embora não seja assinada (bem como, aliás, nenhuma das outras reportagens encontradas nesta pesquisa), assume aparência de um editorial, refletindo a posição da publicação. Ela não menciona algum fato específico ocorrido, senão manifesta desagrado com ações policiais, ao que tudo indica recorrentes. A matéria consiste em uma defesa do carnaval como festa popular, expressão legítima e original do povo brasileiro, de caráter democrático e integrador das diferentes classes sociais. “Proibir ou cercear, com medidas vexatórias, essas demonstrações, é ir atacar imprudentemente hábitos feitos, é ir provocar, sem justa causa, a ira popular; é querer destruir, inesperadamente, um uso inveterado, um costume adquirido e reconhecido [...]” pondera o texto, para depois esclarecer o alvo das críticas: “o atual procedimento da polícia nos ditou estas considerações”. Dentre reclamações contra arbitrariedades cometidas pela polícia contra sociedades e clubes carnavalescos, o jornal protesta contra o que parece configurar um novo tipo de ação repressiva: “agora, não permitindo que dancem e toquem, fazendo até dispersar os bandos que saem, inofensivamente, à rua com seus instrumentos, inclusive *pandeiros* e tambores!” (grifo meu). O texto finaliza fazendo recomendações à conduta policial: “Parece conveniente que o Dr. Chefe de Polícia coíba o entusiasmo prejudicial (*sic*) de seus subalternos. Fará um serviço à ordem e à autoridade”.

Este texto do *Jornal do Brasil*, desta forma, está em conformidade com a postura assumida pelo periódico a partir do fim do século XIX, assinalada por Tania Luca: “a atenção às questões cotidianas que afetavam as camadas mais pobres da cidade, [...] a ênfase em temas como abusos policiais, [...] respondia à decisão editorial de fazer do periódico o defensor dos pobres e oprimidos” (LUCA, 2008, p. 9-10).

Uma matéria<sup>8</sup> em edição de 1910 do *Correio da Manhã*, sobre o segundo domingo da Festa da Penha daquele ano, foi a única encontrada por esta pesquisa referindo-se especificamente a esta festa. Ela se inicia com comentários sobre a grande afluência de fiéis (estimados pela publicação em cerca de vinte mil) e descrições elogiosas às barracas de venda

<sup>7</sup> O carnaval e a polícia – A liberdade do riso – O povo pode divertir-se. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 4 jan. 1907, p. 5.

<sup>8</sup> O segundo domingo da romaria da Penha teve uma concorrência de mais de vinte mil pessoas. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 10 out. 1910, p. 3.

de comida. Em determinado ponto, o texto assume postura crítica à ação policial no evento: “o que se fez ontem na Penha não foi policiar, foi despoliciar”. Segundo o periódico,

A provocação da polícia começava em proibir que se tocasse pandeiro no recinto da romaria, alegando-se em favor dessa medida uma portaria do chefe de polícia proibindo o samba, o batuque, o *vinte e quatro* [?] dos antigos capoeiras, e não o adufo com que rapazes se divertem cantando e dançando inofensivos cateretês.

O *Correio da Manhã* se declarava opositor ao governo, “independente e a serviço dos interesses populares” (FONSECA, op. cit., p. 167), e, segundo seu fundador afirmou no editorial de apresentação do primeiro número, era um jornal “de opinião” (LUCA, 2008, p. 12). A publicação, aqui, parece assumir posição dúbia: ao mesmo tempo em que aparentemente apoia a portaria policial que reprimia manifestações como o samba e a capoeira, não vê sentido em que a mesma seja utilizada contra o adufo (utilizado no texto, provavelmente, como sinônimo de pandeiro)<sup>9</sup>, quando ele se presta a acompanhar os “inofensivos cateretês”.

Os desmandos da polícia prosseguiram na delegacia, de acordo com a publicação:

Valendo-se dessa ordem arbitrária e idiotamente interpretada, o delegado do 23º distrito e vários comissários seus esbordoam e dizem insultos e obscenidades aos pobres diabos que vão à delegacia *pedir a restituição de seus pandeiros* ou tratar de qualquer outro assunto. A um deles vimos nós o próprio delegado dar bofetadas e pontapés, no próprio recinto do posto policial da Penha (grifos meus).

O texto, contundente, finaliza com pedidos de “compostura” e “respeito aos direitos do cidadão”, seguidos de elogios a alguns policiais devidamente nomeados, que serviriam de exemplo do tipo de conduta que se espera das autoridades.

As duas matérias descritas até aqui foram as mais extensas localizadas por esta pesquisa. Elas já seriam suficientes para sugerir a existência, na primeira década do século XX, de uma ‘repressão programática’ efetuada pela polícia, regida inclusive por meio de

<sup>9</sup> O termo ‘adufos’ e sua variante ‘adufe’ podem se referir a tipos específicos de pandeiros, associados a tradições musicais tais quais a ciranda de Paraty (RJ) e manifestações do folclore português. O autor Luiz D’Anunciação sugere utilizar ‘adufe’ também com um sentido mais geral: como a tradução para o português do termo *frame drum*, o qual designa de forma genérica todos os tipos de tambores com a característica morfológica comum de serem constituídos por uma membrana mantida esticada por um aro estrutural, que não possui profundidade suficiente para funcionar como caixa de ressonância (VIDILI, 2017, p. 53-54).

portarias oficiais, corroborando o quadro descrito por Donga e João da Baiana, citado anteriormente.

As demais reportagens, comentadas abaixo, referem-se a ações repressivas pontuais da polícia, praticadas contra grupos ou pessoas específicas.

Matéria<sup>10</sup> veiculada no *Correio da Manhã* em 1917 narra “arbitrariedades” cometidas por dois policiais em uma rua do bairro Santo Cristo: “esses policiais, pelo fato de se acharem naquela rua tocando pandeiro três ou quatro dos moradores locais, praticaram coisas simplesmente indescritíveis, efetuando várias prisões, espancando populares, etc”. A reportagem elenca uma sucessão bizarra de desmandos da polícia: a partir da ordem (obedecida pelos moradores, segundo a publicação) de parar os “toques de pandeiro no meio da rua”, seguiram-se voz de prisão, fuga e perseguição, invasão de um botequim, agressões, prisões. Segundo o periódico, testemunhas foram ao distrito policial denunciar a ação policial; porém, “recusou-se o comissário do dia a tomar-lhes exatamente as declarações, procurando, destarte, inocentar os policiais culpados”.

Em 1920, o *Correio da Manhã* relata<sup>11</sup> a abordagem sofrida por um empalhador de cadeiras chamado Antonio Loponto, que “levando tranquilamente um pandeiro, que havia comprado”, foi assediado por um policial que o levou preso, sem maiores justificativas. Posto em liberdade no dia seguinte, Antonio reclamou seu pandeiro, obtendo, como resposta, “que o comissário o havia dado de presente a um guarda civil, para os filhinhos deste”, sobre o que o jornal limita-se a comentar: “Não é edificante!”.

A notícia se assemelha à situação protagonizada por Russo do Pandeiro, descrita no início deste artigo, na qual um guarda-civil, após haver “tomado de um malandro” um pandeiro, vendeu-o a Russo pelo valor de “um chope”.

Outra situação absurda é relatada em notícia,<sup>12</sup> novamente veiculada no *Correio da Manhã*, no primeiro dia do ano de 1927. Alguns cidadãos festejavam a noite da virada do ano, na rua Jardim Botânico; “um pandeiro, que um dos indivíduos trazia, dava a nota alegre da brincadeira”. Segundo o periódico, um soldado da polícia teve a “ideia de perturbá-los, exigindo a entrega do pandeiro”, ao que houve resistência da população. O tal soldado declarou ter sido ameaçado e reagiu, disparando três tiros para o alto com sua pistola. O jornal ironiza o fato de um destes tiros “para o alto” ter acertado a coxa de um operário, morador das

<sup>10</sup> Violências inomináveis da polícia. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 6 jan. 1917, p. 4.

<sup>11</sup> O Antonio e o pandeiro. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 29 jan. 1920, p.4.

<sup>12</sup> Ferido à bala na coxa – Um pandeiro causador do barulho. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 1 jan. 1927, p.3.

redondezas, que transitava pelo local. O comissário do distrito policial daquela região abriu inquérito para apurar as responsabilidades do ferimento do operário.

Finalmente, matéria<sup>13</sup> veiculada em 1928 na *Gazeta de Notícias*, “jornal barato, liberal e de ampla informação” (FONSECA, 2008, p. 162), relata mais uma agressão policial injustificada seguida de prisão. O texto informa que Claudio Pfallzgraf, operário de 20 anos de idade,

tocava pandeiro em companhia de diversos colegas, na estação de Bento Ribeiro, quando apareceram dois soldados. Depois de insultarem os que faziam parte do samba, os dois policiais agrediram a sabre Claudio, levando-o preso. A vítima, que sofreu ferimentos no parietal esquerdo, depois de medicada pela assistência, foi levada para a delegacia.

A nota, embora curta, deixa claro que o jornal toma partido do agredido, tratando-o por “vítima” da brutal agressão.

As reportagens elencadas impressionam pelo abuso de autoridade policial e, se não são muitas, cobrem todo o recorte temporal referente aos relatos dos pandeiristas mencionados na parte inicial deste artigo (vale lembrar que o incidente envolvendo João da Baiana ocorreu em 1908; aquele relatado por Russo, em cerca de 1929).

Serão comentadas, a seguir, reportagens nas quais o veículo de imprensa explicita apoio às ações da polícia, ou simplesmente silencia a seu respeito.

#### **4. Reportagens contendo apoio às ações policiais ou silenciamento**

Em 1908, *O País* noticia<sup>14</sup> que, durante a tarde anterior (um domingo), “um grupo de desordeiros conhecidos no bairro de Botafogo, entre os quais o célebre ‘Copacabana’, fazia um samba tremendo em plena rua, com pandeiros”. Um anspeçada (antiga graduação militar brasileira), “muito delicadamente”(!), pediu a Copacabana, que tocava o pandeiro, que “não continuasse a algazarra”. Segundo o jornal, este não apenas se recusou a obedecer, como desfeitou o anspeçada e preparou-se para agredi-lo, junto com os companheiros. Na sequência, o militar deu um tiro para o alto para amedrontar Copacabana e os parceiros de samba, que fugiram. No entanto, no momento em que o anspeçada travava o revólver, este disparou, atingindo um servente de pedreiro que passava pelo local, que foi levado ao hospital. A reportagem conclui, dando fé ao militar: “Apesar do fato ter-se passado como foi

<sup>13</sup> Além de preso, espancado a sabre. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 16 out. 1928, p. 3.

<sup>14</sup> Conflito – Tiros. *O País*, Rio de Janeiro, 5 out. 1908, p.2.



narrado, como asseveramos por várias pessoas que o testemunharam, o delegado prendeu o anspeçada até a conclusão do inquérito”.

De acordo com Fonseca (op. cit., p. 166), *O País*, o periódico de menor estrutura dentre os abordados nesta pesquisa, obtinha a maior parte de sua receita com a publicação de anúncios oficiais, que tinham sua contrapartida nos elogios dirigidos pela publicação ao governo. Para Luca (op. cit., p. 14), o jornal distinguia-se por um “situacionismo subserviente”. Na matéria descrita, chamam à atenção a coincidência do tipo de ocorrência (um “tiro para o alto” que fere um cidadão que passava pelo local, de maneira similar a outra reportagem anteriormente citada) e a fé indubitável que a publicação professa pela versão do militar.

Em reportagem<sup>15</sup> veiculada no *Correio da Manhã* em 1915, pela primeira vez nesta pesquisa foram encontrados registros da repressão policial ao pandeiro associada a manifestações religiosas de matriz afro-brasileira. A matéria relata a existência de denúncias anônimas contra Custódia, “preta velha” residente à rua do Catete, onde praticava feitiçaria, “não deixando repousar os vizinhos, tal o barulho que fazia”. O delegado teria ido pessoalmente ao local verificar a veracidade dos fatos. Segundo o jornal, “de quando em vez, todos rezavam em coro, *marcando compasso um pandeiro* agitado pelas mãos ressequidas da bruxa” (grifos meus). A autoridade policial interrompeu a função religiosa e levou os participantes, assim como o pandeiro e outros objetos e oferendas, para a delegacia. A matéria conclui:

Nada tendo encontrado de beberagens que pudessem tornar-se nocivas, sabendo a autoridade que a bruxa só se limitava à prática de rezas para as suas apregoadas curas, depois de lhe passar um bom sermão, mandou em paz os seus crentes, sob promessa, porém, de não continuarem a incomodar os vizinhos.

Apesar de reconhecer que a “bruxa” Custódia realizava suas práticas com o objetivo de cura, sem nenhum flagrante de substâncias “nocivas”, a publicação não esconde a satisfação com o “sermão” passado pela autoridade. A posição preconceituosa do jornal é evidenciada no título da matéria, para o qual o local das rezas era um “antro”.

Em 1916, o *Jornal do Brasil* relata<sup>16</sup> um samba ocorrido em uma favela na rua Visconde de Niterói, em Mangueira, no qual “a patuscada corria animadíssima, ouvindo-se ao

<sup>15</sup> A Custódia teve o seu antro visitado pela polícia. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 26 jun. 1915, p. 4.

<sup>16</sup> Samba e xadrez no “buraco quente”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 4 dez. 1916, p. 8.

longe o pandeiro, o chocalho, o reco-reco [...]”. No meio da festa, chegou a viatura policial “e lá se foi o pessoal chorar... as suas mágoas no xadrez do 18º Distrito”, informa ironicamente o texto. O restante da reportagem se limita a elencar os nomes das pessoas presas, bem como do comissário responsável, eximindo-se de comentar as prisões efetuadas aparentemente sem justificativa.

Em 1920, na *Gazeta de Notícias*, mais uma matéria<sup>17</sup> relata a repressão policial ao pandeiro ocorrida dentro de um contexto religioso. O comissário de polícia foi a um local próximo à estação de Madureira e interrompeu um “grande ‘candomblé’” que ali funcionava. A reportagem tem tons surrealistas: “A casa estava repleta de pretas que, em trajes de Eva (*sic*), dançavam sorridentes ao toque de um bombo e de um pandeiro”. Entrando rapidamente no recinto, o comissário as prendeu, bem como aos “Adões” (*sic*). Segundo a reportagem, Arlindo dos Santos, “o chefe do bando”, também foi preso e, na prisão, “prosseguiu no batuque”, no que foi seguido pelos outros presos e depois pelos funcionários da delegacia; finalmente, o próprio comissário teria aderido e, “de batuta em punho, regeu o ‘pagode africano’ (*sic*), que perdurou até tarde...”.

Esta matéria parece se constituir de uma sucessão de disparates tal que soa mais como uma apelativa nota de entretenimento produzida por uma publicação sensacionalista, misturando possíveis fatos ocorridos com a imaginação (e preconceitos) do redator, pondo em dúvida, inclusive, a própria informação de tratar-se de uma cerimônia de candomblé.

Finalmente, o *Correio da Manhã* de 1920 informa<sup>18</sup> que, novamente na rua Visconde de Niterói, em Mangueira, “vários desocupados” fizeram um “ruidoso samba, ao som de pandeiros e outros instrumentos”. Comunicados, o delegado e o comissário se dirigiram ao local e “conseguiram prender parte do pessoal do batuque”. A nota finaliza de forma lacônica, informando que “a polícia, também, apreendeu cinco pandeiros e um tambor”. Uma vez mais, nenhum comentário foi feito sobre as prisões efetuadas sem maiores justificativas em uma favela.

Na amostra acima elencada, chama a atenção a coincidência de ocorrências relacionadas a supostas práticas religiosas de matriz afro-brasileira, e também a coincidência de ocorrências no mesmo local, a rua Visconde de Niterói, Mangueira (local de estratos

<sup>17</sup> O Comissário Braga interrompeu o “candomblé”. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 29 jun. 1917, p. 5.

<sup>18</sup> A polícia interrompeu o samba no morro Visconde de Niterói. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 9 ago. 1920, p. 3.

sociais mais humildes, onde o samba era coisa de “desocupados”), sugerindo que os veículos de imprensa tenderiam a tolerar desmandos policiais nestes contextos.

### **Considerações finais**

As reportagens elencadas representam uma amostra dos tipos de ocorrência policial envolvendo o pandeiro, reportados por periódicos nas três primeiras décadas do século XX, no Rio de Janeiro, e os diferentes tratamentos dados pelos jornais a elas.

As matérias corroboram a existência de situações de abuso de autoridade, conformes às relatadas por João da Baiana, Donga e Russo do Pandeiro, descritas no início deste artigo. Foi constatado, também, que os jornais podiam adotar diferentes posturas em relação às arbitrariedades policiais, dependendo da linha geral da publicação e do tipo de situação envolvida. No entanto, um mesmo jornal podia assumir postura ora favorável, ora crítico aos desmandos policiais. O *Correio da Manhã*, por exemplo, em quatro das notícias mencionadas demonstrou reprovação à atuação policial, e em outras duas a apoiou. O *Jornal do Brasil* apresentou posturas diferentes nas duas situações relatadas. As amostras, pequenas, são insuficientes para tirar conclusões gerais a respeito do viés ideológico de cada uma destas publicações, e nem é este o intuito deste artigo; importa mais a constatação de que os periódicos não eram unívocos em relação ao assunto repressão policial aos pandeiristas e às práticas a eles associadas. Há de se levar em consideração, neste sentido, que um jornal possui “sua própria pluralidade de pessoas, de pensamentos e de posicionamentos nem sempre convergentes e de fácil percepção no seu interior” (LAPUENTE, 2015, p. 4-5).

Sobre o relativamente pequeno número de ocorrências encontradas, não se pode concluir simplesmente que os fatos relatados aconteciam com pouca frequência, pois “são os jornalistas quem decidem o que são ou não notícias, diante da amplitude do número de acontecimentos”; os critérios jornalísticos, por sua vez, “são determinadas pela ideologia política seguida pela empresa” (BEZERRILL, 2011, p. 4). De qualquer forma, a presente pesquisa foi efetuada somente a partir da palavra-chave ‘pandeiro’; certamente, se fossem utilizados outros termos presentes nas reportagens, como ‘samba’, ‘feitiçaria’, ‘Festa da Penha’, imbricados simbolicamente no mesmo âmbito cultural e étnico sujeito à repressão das autoridades, o resultado indicaria uma amostra mais abrangente deste tipo de ocorrência.

“Samba na [Festa da] Penha dava sempre em cadeia”. Esta declaração de João da Baiana, em entrevista<sup>19</sup> concedida em 1968, evidencia que a perseguição policial não se limitava ao pandeiro, estendendo-se a outros elementos relacionados ao universo do samba; logo, esta repressão tem de ser entendida a partir dos contextos em que o instrumento se inseria. E, se os periódicos consultados dividiam suas opiniões entre apoio e condenação à ação policial, isto reflete incoerências próprias do cotidiano da época: conforme afirmou Adalberto Paranhos, no processo de legitimação do samba como ritmo nacional (com o qual o processo de aceitação social do pandeiro aqui colocado em questão guarda muitas semelhanças), “as contradições inerentes a uma sociedade assentada nas desigualdades compunham, evidentemente, o dia-a-dia dos sambistas” (PARANHOS, 2003, p. 104).

## Referências

BEZERRILL, Simone da Silva. Imprensa e política: jornais como fontes e objetos de pesquisa para estudos sobre abolição da escravidão. *II Simpósio de História do Maranhão Oitocentista*. Maranhão: Universidade Estadual do Maranhão, 2011. Disponível em: <http://www.outrostempos.uema.br/anais/pdf/bezerrill.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2018.

FONSECA, Letícia Pedruce. *A construção visual do Jornal do Brasil na primeira metade do século XX*. 214f. Dissertação (Mestrado em Artes e Design). Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2008.

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em 18 abr. 2018.

LAPUENTE, Rafael Saraiva. O jornal impresso como fonte de pesquisa: delineamentos metodológicos. *10º Encontro Internacional de História da Mídia*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/10o-encontro-2015/gt-historia-da-midia-impressa/o-jornal-impresso-como-fonte-de-pesquisa-delineamentos-metodologicos/view>. Acesso em: 12 jan. 2018.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. *As fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

LUCA, Tania Regina de. A grande imprensa no Brasil na primeira metade do século XX. *IX Congresso Internacional da Brazilian Studies Association*. Nova Orleans: Tulane University, 2008. Disponível em: <http://www.brasa.org/congresso-brasa-ix/>. Acesso em: 10 jan. 2018.

MOURA, Roberto. *Tia Ciata e a pequena África do Rio de Janeiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1995.

PARANHOS, Adalberto. A invenção do Brasil como terra do samba: os sambistas e sua afirmação social. *História*, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 81-113, 2003.

<sup>19</sup> Pandeiro dava cadeia. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 18 maio 1968, p. 9.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *Cacique de Ramos: uma história que deu samba*. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2003.

SANDRONI, Carlos. *O feitiço decente: transformações no samba do Rio de Janeiro 1917-1933*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

ULHÔA, Martha Tupinambá de; COSTA-LIMA NETO, Luiz. Jornais como fonte no estudo da música de entretenimento no século XIX. In: CONGRESSO DA ANPPOM, 24., 2014, São Paulo. *Anais do XXIV Congresso da ANPPOM*. São Paulo: Unesp, 2014. Disponível em: <http://www.anppom.com.br/congressos/index.php/24anppom/SaoPaulo2014/paper/view/3242/868>. Acesso em: 10 jan. 2018.

VIANNA, Hermano. *O mistério do samba*. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

VIDILI, Eduardo Marcel. *Pandeiro brasileiro: transformações técnicas e estilísticas conduzidas por Jorginho do Pandeiro e Marcos Suzano*. 228 f. Dissertação (Mestrado em Música). Centro de Artes, Universidade do Estado de Santa Catarina, 2017.

VIVACQUA, Renato. Entrevista com Russo do Pandeiro em 25 jul. 1982. Rio de Janeiro. Registro de áudio. Disponível em: <http://www.renatovivacqua.com/entrevista-com-russo-do-pandeiro/>. Acesso em: 09 jan. 2018.